De tetraplégico a ciborgue. Uma reflexão sobre as possibilidades de interação e sociabilidade decorrentes do uso do computador.[1]

Vívian Maria Corneti de LIMA[2]
Alberto Efendy MALDONADO[3]
Universidade do Vale dos Sinos

Resumo

O artigo apresenta uma perspectiva que descreve as possibilidades de interação e sociabilidade permitidas aos tetraplégicos quando utilizam o computador. Em consonância com o pensamento de Marshall McLuhan, compreende o computador como uma extensão de seus corpos, e a partir de então sugere que tais indivíduos podem ser comparados aos ciborgues. Analisando casos específicos, entende que em decorrência da relação entre corpo e máquina seja permitido aos tetraplégicos ampliar sua capacidade de autonomia na condução de suas relações sociais.

Palavras-chave

Comunicação; Ciborgue; Interação; Sociabilidade.

O tetraplégico e a sua autonomia.

Podemos chamar de tetraplégico o deficiente físico que sofre de "paralisia total ou parcial do corpo, comprometendo a função dos braços e das pernas" (GABRILLI, 2006, pág. 19). A tetraplegia ou quadriplegia pode decorrer por inúmeras situações, desde acidentes em que ocorrem lesões na medula espinhal, coluna ou por doenças que atingem o cérebro. As causas pelas quais se pode ficar tetraplégico variam desde as mais complexas, como acidentes vasculares cerebrais, até as mais surpreendentes, como acidentes decorrentes de mergulhos em águas rasas, acidentes automobilísticos ou tiros. As afetações nas extremidades do corpo, braços e pernas, variam de acordo com o nível de tetraplegia; alguns indivíduos conseguem

[1] Trabalho apresentado no GP Ciberculturas, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda em Comunicação Social pela Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, e-mail vivicorneti@gmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, email: efendymaldonado@gmail.com

exercer certo grau de movimento, dependendo da altura da lesão medular, porém o controle não é pleno.

A perda dos movimentos do corpo apresenta ao indivíduo novas condições físicas que restringem sua capacidade de autonomia, já que na grande maioria dos casos, se faz necessária a ajuda de uma terceira pessoa para auxiliar nas atividades rotineiras.

A falta de autonomia e as dificuldades para controlar as condições emocionais são fatores que tornam mais complexas as formas de se comunicar do tetraplégico. As transformações pelas quais passa o indivíduo que se tornou tetraplégico podem acarretar em complicações psicológicas e afetivas com interferência direta em seu relacionamento e convívio social, já que aceitar a nova condição física implica em aceitar uma difícil realidade. Em síntese, o filme Menina de Ouro[4], dirigido e estrelado por Clint Eastwood, conta a história de uma lutadora de boxe, a personagem interpretada por Hilary Swank, chamada Maggie Fitzgerald, que após um acidente durante uma luta, tornou-se tetraplégica, passando então a respirar com ajuda de aparelhos e a comunicar-se apenas com a fala. Inconformada com a nova situação, Maggie tenta a qualquer custo terminar com a sua vida e diante da impossibilidade de fazê-lo, solicita a Frankie Dunn, interpretado por Clint Eastwood, que desligue os aparelhos que a mantém respirando.

Para o tetraplégico, barreiras na comunicação podem ser encontradas até em um simples bate papo, já que sem mobilidade, para interagir com alguém é preciso esperar que esse alguém venha até ele, para sociabilizar é preciso ser levado até a presença de um grupo ou simplesmente esperar que este grupo venha ao seu encontro. A interação face a face, ou não mediada, é muito mais complexa para um tetraplégico do que para alguém com todos os movimentos.

Quando pensamos em autonomia, podemos fazer associações com diversas formas de liberdade. O indivíduo autônomo é aquele que age segundo suas próprias convicções, que expressa livremente sua opinião, que independe de opiniões externas para direcionar suas atitudes e que faz suas escolhas pensando principalmente na sua própria vontade. O indivíduo autônomo é uma pessoa livre e independente, porém, embora a liberdade esteja prevista em lei[5], para muitas pessoas ela ainda é ilusória.

---

[4] Lançado em 2004, cujo nome original em inglês é *Million Dollar Baby*.

[5] Art. 5º da Constituição Federativa do Brasil - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...

Ainda que vivêssemos em países onde a acessibilidade aos locais, públicos ou não, efetivamente acontecesse, a realidade é que, para que um deficiente físico possa ir e vir a algum lugar, sempre se fará necessária a ajuda de outra pessoa. Sua autonomia é limitada. Por mais que existam recursos tecnológicos, como cadeiras de roda automáticas, por exemplo, um tetraplégico sempre precisará do auxílio de alguém para que possa usá-la, já que dificilmente conseguirá sentar-se sozinho nesta cadeira. Assim, seu direito à liberdade acaba sendo restrito, já que sua dependência por outras pessoas é uma constante.

As barreiras que mencionamos poderiam ser limitadoras de diversas possibilidades de relacionamento, mas para determinados grupos, a palavra limite parece não ter grande relevância, pois há sempre o predomínio da superação. O exemplo ilustrado no filme Menina de Ouro, não é uma regra, já que representa um caso excepcional; alguém que não foi capaz de superar as dificuldades impostas pela nova condição física. Ao longo do trabalho iremos demonstrar casos reais, de pessoas socialmente ativas, que encontraram na deficiência uma oportunidade de lutar por melhores condições de vida para uma grande classe.

No Brasil, um dos exemplos notórios de quem aceitou essa nova condição com força e determinação é o caso da atual Deputada Federal, Mara Gabrilli. Mara tornou-se tetraplégica após sofrer um acidente de carro em 1994, com 26 anos de idade. Permaneceu internada por alguns meses, sem condições de respirar sem a ajuda de aparelhos. Após a alta médica, mesmo sem os movimentos do corpo, Mara seguiu atuante. Além de ser publicitária e psicóloga, em 1997 fundou a ONG Projeto Próximo Passo e a partir de então se envolveu na vida pública. Em busca de melhores condições de vida aos portadores de deficiência, já atuou como titular da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida (2005) e também iniciou diversos debates em busca de melhorias enquanto vereadora pela cidade de São Paulo. Desde o ano 2001 é colunista na revista TPM, onde escreve mensalmente sobre os mais variados temas e foi eleita Deputada Federal pelo PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira em 2010 com 160.138 votos[6].

Embora desempenhe diversas atividades, até mesmo Mara, pessoa batalhadora, ativa e atuante, não tem condições de exercer plenamente com independência sua liberdade, sua autonomia. “Durante o meu dia, dependo de uma pessoa – uma ajudante que fica comigo 24 horas – para me dar água, comida, tirar o cabelo do rosto” (GABRILLI, 2008, pág. 75). A

[6] http://maragabrilli.com.br/federal/noticias/1125-eleicoes-2010-mara-gabrilli-e-eleita-deputada-federal

autonomia do indivíduo tetraplégico é restrita, pois suas condições físicas desfavorecem seu deslocamento e dificultam também a sua participação nos meios de sociabilização comumente utilizados por grande parte da sociedade, como escolas, igrejas, clubes, sindicatos e todos outros tipos de entidades e organizações que possam existir. Assim, as características próprias de interação e sociabilidade desse grupo merecem ser analisadas com mais ênfase, já que sofrem alterações em decorrência de suas condições físicas.

Interação e sociabilidade.

A definição de tais conceitos pode sofrer alterações dependendo das condições físicas, psicológicas e sociais do usuário que faz uso deles. Interagir é participar, atuar, relacionar. E para que haja interação é preciso haver certo tipo de relacionamento com o outro, já que a interação é recíproca.

A interação pode se dar entre seres humanos ou entre coisas distintas. A interação humana tem características próprias e nos ajuda a compreender melhor a necessidade de nos relacionarmos com outras pessoas. Para Primo (2007, pág. 72) "estudar a interação humana é reconhecer os interagentes como seres vivos pensantes e criativos na relação" o que nos leva a acreditar que em todo tipo de interação entre seres humanos sempre se faça necessário algum nível de raciocínio e esforço criativo de cada um dos envolvidos no processo.

Duas pessoas falando em diferentes idiomas, um adulto dando ordens a uma criança, um debate entre concorrentes políticos. Em todos os tipos de interação há de se reservar certa atenção cognitiva para que a comunicação efetivamente aconteça, porém, fatores individuais podem fazer com que haja variação no resultado da interação.

Uma pessoa cuja capacidade física seja limitada, alguém acamado, que não tenha condições sequer de mexer braços e pernas, inevitavelmente terá de interagir apenas com aqueles que o procurarem. Essa condição implica em situações nem sempre agradáveis já que não é permitido ao deficiente escolher o momento exato em que se quer interagir.

Certa vez ao tentar visitar um colega sem condições de se locomover devido a um acidente fui recebida com um "não" e impedida de conversar com ele, já que naquele momento, segundo seus familiares, a pessoa não queria ver ninguém. Reagi com espanto, e por certo momento, até cheguei a pensar que estaria presenciando um gesto de grosseria, de indelicadeza. Achei que o problema pudesse ser pessoal, e que a reação se devesse ao fato de

ter sido eu a visitá-lo. Soube posteriormente que a recusa comumente acontecia; de tal maneira que, passada a situação de estranheza, quando me proponho a refletir sobre essa situação, posso considerar que eu também quero poder escolher o momento de interagir com outras pessoas. Assim, hoje considero a atitude de recusar a visita, oportuna e adequada.

Para que se efetive, a interação quando presencial requer o querer dos interagentes já que "os relacionamentos são construídos e modificados socialmente através das ações recíprocas dos membros relacionais" (PRIMO, 2011, pág. 117). Queremos assim demonstrar que a interação do indivíduo tem plena relação com a sua capacidade física, interferindo diretamente em sua sociabilidade com o mundo. No caso dos tetraplégicos, isso fica ainda mais evidente quando pensado sobre a incapacidade de seu corpo responder aos estímulos cerebrais, impedindo-os de movimentar seus corpos, tendo sua interação restrita à presença de outra pessoa no mesmo espaço físico.

Recuero (2009, pág. 30) entende que a interação pode ser considerada a matéria-prima das relações e dos laços sociais, o que nos remete à estreita relação existente entre interação e sociabilidade. Quando pensamos em sociabilidade, o fazemos enquanto característica daquele que vive em sociedade, fato este que, embora seja coletivo, também pode variar de pessoa para pessoa.

Ainda sobre a sociabilidade, há quem prefira participar de atividades em grupo ou fazer questão de incluir em sua rotina trabalhos coletivos. Porém, determinadas pessoas optam por ficar sozinhos em casa num sábado à noite ao invés de sair para se divertir com os amigos. Para uma pessoa tímida, o ato de estar em contato com um grupo e com ele estabelecer algum tipo de contato pode não ser tão importante quanto para alguém mais desinibido. Não existem regras para definir o que faz de nós pessoas sociáveis ou não, mas sabemos que a vida em sociedade exige o mínimo de interação e sociabilidade com outras pessoas. O interesse por desvendar os principais fatores da sociabilidade destaca o poder de decisão do indivíduo sobre seus relacionamentos.

As pessoas são diferentes e as características peculiares de cada indivíduo ajudam a construir parte do universo em que vivem. Reconhecer a autonomia das pessoas pode ser o fator decisivo para que a recusa a uma visita, por exemplo, não seja mal compreendida. A questão da sociabilidade tem sido fundamental para as transformações da sociedade em que vivemos. Para Rudiger (2002, pág. 107) “as ciências sociais se baseiam no pressuposto de

que o homem é um ser social" o que justifica o interesse por melhor compreender a sociabilidade de um grupo tão específico quanto os tetraplégicos.

Nosso intuito aqui é que as reflexões sobre interação e sociabilidade sejam dadas com foco na influência que os meios de comunicação exercem quando permeiam as relações humanas, levando em conta que os meios de comunicação alteram e tornam mais complexa a forma como nos comunicamos.

> Tenho encontrado pessoas que afirmam não entender como é que elas (e nós todos) conseguiam viver sem secretárias eletrônicas em casa e sem correio de voz no escritório. A vantagem que ambos oferecem tem menos a ver com a voz e mais com a possibilidade de processar tais mensagens off-line e a qualquer momento. Em vez de se desenvolver uma pessoa sem necessidade numa conversa on-line, deixa-se uma mensagem. (NEGROPONTE, 1995, p. 161)

As mudanças acarretadas com a inclusão dos meios de comunicação em nossas vidas são inúmeras e constantes; a cada momento surgem novos meios e com eles surgem novas possibilidades de interação. A comunicação interpessoal vem sendo cada vez mais substituída pela mediada: rádio, tv, cinema, telefone, computador, celular, tablet, GPS, ipod, MP3 são apenas alguns dos elementos que ajudam a compor este novo cenário.

Quando pensados sob o prisma da mediação pelo computador, interação e sociabilidade passam a ter outras diferentes percepções de entendimento, já que entram em cena os instrumentos tecnológicos, tão presentes em nossas vidas, que alteram a forma como nos relacionamos. A fim de compreender a importância do uso desse instrumento técnico para as relações sociais contemporâneas, Recuero (2012, pág. 21) afirma que,

> "O computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa, de processamento de dados e de trabalho, é hoje uma ferramenta social, caracterizada principalmente pelos usos conversacionais. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais e que esse sentido, em muitos aspectos, é fundamental para a compreensão da sociabilidade na contemporaneidade."

Da afirmação da autora, depreende-se que não seja possível compreender aspectos da sociabilidade sem pensar na relevância do uso do computador, já que esse pode ser visto agora como uma importante "ferramenta social" e uma das maiores e mais populares plataformas de conversação atuais. Embora possa fazer uso de diversos outros instrumentos, o computador acaba sendo o aparato tecnológico que melhor permite ao tetraplégico se relacionar, expor seus sentimentos e efetivamente interagir com um maior número de pessoas. Diante do computador, o tetraplégico pode executar diversas atividades que lhe permitem resgatar em parte sua autonomia, já que quando utiliza mouses adaptados, tem

autonomia para decidir quais programas ou sites quer acessar e com quais pessoas deseja interagir. E mesmo que não faça o uso desses mouses, quando outra pessoa acessa a internet para o tetraplégico, leva até ele novas possibilidades de socialização.

A interação mediada pelo computador tem características próprias e tem sido a mola propulsora para o fortalecimento de movimentos sociais através das redes de relacionamento on-line, como algumas marchas contra a corrupção que aconteceram em diversas cidades do Brasil nos últimos tempos. Quando interagem pela internet os homens são capazes de articular os mais diversos tipos de eventos e manifestações.

Ao refletir brevemente sobre os conceitos de interação e sociabilidade podemos observar a necessidade constante da iniciativa do indivíduo para que os mesmos se concretizem, e que eles não poderiam acontecer se não estivéssemos em contato com outras pessoas. Para interagir é preciso que se inicie um diálogo com o outro e para sociabilizar é preciso iniciar uma relação com alguém. Em reflexão, Primo argumenta que:

> "... um estudo sobre a interação mediada por computador deve se ocupar tanto de um diálogo homem-homem (via e-mail, por exemplo) quanto das interações homem-máquina e máquina-máquina, é fundamental neste momento acompanhar a diferenciação sistêmica entre máquinas e seres vivos. A partir disso, será possível colocar em debate se a interação entre máquinas ou entre um sujeito e uma máquina pode apresentar as mesmas características de um relacionamento entre duas pessoas." (PRIMO, 2007, pág. 64)

Desta maneira, iniciaremos a seguir reflexões sobre as possibilidades de relacionamentos decorrentes da interação entre os tetraplégicos e o computador, propondo uma nova maneira de se observar esses sujeitos, sugerindo que a sua sociabilidade esteja inevitavelmente condicionada ao seu relacionamento com a máquina, comparando esse ser a um ciborgue, metade máquina e metade homem.

O computador como extensão do corpo do tetraplégico.

Ainda no final da década de sessenta, muito antes da popularização da internet, criticado por uns e apoiado por outros, o visionário Marshall McLuhan afirmara que os meios de comunicação deveriam ser entendidos como "extensões do homem". Em sua percepção seria impossível dissociar o homem dos elementos técnicos dos quais ele inventa e faz uso, e cada novo aparato criado é visto como um meio de comunicação que passa a fazer parte da vida dos indivíduos que os produzem, sendo apropriado pelos mesmos em benefício próprio.

Assim, a roda seria uma extensão do pé, as roupas uma extensão do corpo, os óculos uma extensão dos olhos, e para os tetraplégicos, a cadeira de rodas e o computador seriam a extensão de seus corpos.

Para McLuhan (2010, pág. 208) "as transformações da tecnologia têm o caráter da evolução orgânica porque todas as tecnologias são extensões do nosso ser físico". A lógica das tais "extensões do nosso ser físico" enquanto continuidade dos membros do corpo nos remete também à ideia de prótese. Um implante de silicone, um braço mecânico, um marca-passo no coração, lentes de contato, todos estes instrumentos podem então ser pensados como tais próteses que, assim como os meios de comunicação, passam a fazer parte da vida das pessoas.

Como vimos, os meios de comunicação são elementos essenciais para o fortalecimento da interação e da sociabilidade. Porém, a pessoa que pode movimentar todos os membros do corpo tem mais tranquilidade ao poder escolher quando, como e onde aperfeiçoar seus relacionamentos, situação oposta àquela vivida quando pensamos na sociabilidade do tetraplégico.

Quando utiliza os meios de comunicação para fortalecer suas relações sociais, o indivíduo se apropria do meio em questão, ao fazer uso de suas principais funções com a intenção de torná-los auxiliares dos processos relacionais e comunicativos. A comunicação mediada pelo computador é uma boa maneira de visualizar a ideia de apropriação de elementos técnicos pelo indivíduo como forma de alterar sua realidade, já que os usuários transformam o computador para que esse cumpra a função de agente de intermediação.

Assim como outros meios de comunicação, o computador é uma ferramenta tecnológica que vem sendo reformulada pelo homem. Aos poucos vão sendo introduzidas funções no computador que vão além do processamento de dados, e que nos convidam a aprimorar nossas relações sociais; caso da conversação, que quando realizada por meio do computador possui características próprias.

> "A conversação, no ambiente mediado pelo computador, assim, assume idiossincrasias próprias que são decorrentes da apropriação dos meios para o uso conversacional. Ela é, portanto, menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado de interagentes, sejam essas ferramentas construídas para isso ou não. Falamos em apropriação porque essas ferramentas são construídas pelos agentes como ambientes conversacionais, e a conversação tem como suporte um conjunto de convenções simbólicas que são por eles construídas." (RECUERO, 2012, pág. 39)

Por possuir características próprias dos usuários, quando utilizado para fins conversacionais, o computador torna-se uma extensão de várias partes do corpo de quem o utiliza. Seja a conversação realizada por vídeos, por fala ou pela digitação, o computador substitui os elementos do corpo humano que seriam necessários para que a comunicação acontecesse, caso fosse presencial. No caso dos tetraplégicos, essa extensão torna-se ainda mais complexa, sendo praticamente impossível dissociar o corpo do indivíduo da máquina, já que grande parte de sua autonomia e liberdade enquanto cidadão depende desta interação.

> "... os meios, como extensões dos nossos sentidos, estabelecem nossos sentidos, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam. O rádio alterou a forma das estórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, com o advento do sonoro. A televisão provocou mudanças drásticas na programação do rádio e na forma das radionovelas." (MCLUHAN, pág. 72).

Diante do computador, o tetraplégico tem mais autonomia, pois quando utiliza suportes adaptados tem acesso às mesmas possibilidades de interação disponibilizadas a todos os usuários. No computador o tetraplégico pode resgatar parte de sua liberdade, e usufruir em condições de igualdade das ferramentas sociais disponíveis a todos os cidadãos por intermédio dessa máquina. Assim como qualquer outro usuário, na internet o tetraplégico fazer transações bancárias, participar de fóruns de discussão, fazer compras, conversar com amigos por e-mail, pesquisar, ler notícias, estudar, participar de redes sociais, conhecer lugares, pessoas, coisas e ainda utilizar quaisquer programas disponíveis que tiver instalado em sua máquina.

Pela comunicação mediada por computador, o elemento técnico em questão supre a função da presença física, da fala, das expressões faciais, das interações, dos movimentos, e passa a se tornar o próprio corpo do tetraplégico. Observados assim, o tetraplégico e o computador são então um corpo único, um organismo híbrido, um ciborgue.

Seres maquinizados, de tetraplégico a ciborgue.

O ato de pensar nas pessoas como um misto entre ser humano e máquina tem despertado o interesse coletivo há algum tempo. A série de ficção exibida pela TV na década de 1970, chamada *O homem de seis milhões de dólares*, foi um dos primeiros grandes momentos para exibir o interesse por essa possibilidade de integração. Baseada no livro Cyborg, de Martin Caidin, a série conta a história de um piloto de avião que após sofrer um acidente e ter seu

corpo praticamente reconstruído por uma cirurgia, torna-se um ser humano "melhorado", com poderes de força e visão além dos habituais aos homens. Pretendemos aqui, apresentar a possibilidade da evolução da condição de um indivíduo tetraplégico a um ciborgue, cuja hibridez seja ainda mais complexa do que a mera fusão homem e máquina. O ciborgue tetraplégico é um ser humano, com necessidades de interação e sociabilidade idênticas as de todos aqueles cujos corpos respondem plenamente aos estímulos cerebrais e permitem a sua autonomia. Nesta perspectiva, seria demasiadamente pequeno pensar num novo elemento com foco apenas nas questões físicas, já que esse ciborgue tetraplégico também contempla questões híbridas de cunho social.

A dependência do corpo por aparatos técnicos envolve amplas questões fisiológicas, desde as mais simples como próteses de silicone para fins estéticos, e até questões de vida ou morte, como a dependência por respiradores artificiais.

> "Os programas inteligentes não se limitam às máquinas. Na atualidade, elas são cada vez mais presentes no corpo das pessoas. Próteses de toda natureza, sensores, lentes de contato, dentes artificiais, silicone, implantes auditivos, marca-passo, pinos, parafusos e ossos de titânio, estimulantes químicos etc. Revelam que este é o momento da realização do sonho futuro: o de que o corpo animal do homem seja alimentado pelas tecnologias. As próteses supervisionam, aceleram e compõem o organismo de muitos sujeitos." (COUTO, 2012, pág. 46)

Há quem precise do implante de próteses para fazer a função das pernas, dos braços e também quem precise de corações artificiais. O uso de próteses é feito com os mais variados fins, o que acarreta em vários níveis de dependência. As próteses são feitas de acordo com as necessidades específicas de quem as utiliza, como é o caso do velocista Oscar Pistorius, atleta de destaque pelo alto rendimento em provas de atletismo, que possui próteses de fibra de carbono no lugar das pernas. Embora suas próteses também possam lhe dar suporte psicológico e emocional para lidar com a ausência das pernas naturais, elas tem como função principal melhorar sua condição física.

Pretendemos denominar de *ciborgues físicos*, aqueles dependentes de próteses cuja razão principal de seu uso seja a de suprir a falta de algum membro do corpo. Pessoas cujo uso de próteses esteja relacionado à necessidade de permitir ao corpo melhores condições de desempenho, sem considerar possíveis mutações sociais que decorram dessa interação. Assim, *ciborgue físico* é a pessoa que utiliza próteses ou implantes com a principal intenção de reparar questões físicas relacionadas ao seu corpo.

Muito tem se falado sobre a desmaterialização do corpo, sobre sua possível substituição por máquinas mais ágeis e capazes de realizar atividades de maneira mais eficientes que os humanos, sobre a descontrolada evolução da tecnologia, a ponto de que essa possa ser demasiadamente autônoma e perigosa para a sociedade. Mas o foco do presente debate não é questionar a pertinência da substituição do corpo por próteses simplesmente pelo querer dos usuários ou pelo interesse da ciência e da tecnologia. Pretendemos aqui pensar na noção da desmaterialização do corpo quando ela não é mais uma questão de escolha e sim uma questão da realidade daquele que perdeu a capacidade de controlar seus próprios movimentos.

As Paraolimpíadas servem de exemplo para melhor visualizar a exposição dos *ciborgues físicos* a que nos referimos. Atletas que competem com a ajuda de guias; que fazem uso de próteses em diversas partes do corpo; cadeirantes; *skatistas;* cegos que jogam futebol com bolas sonorizadas; todos são convidados a praticar esportes diante dessa condição de hibridez, metade homem, metade máquina. Porém, os reflexos sofridos por tais *ciborgues físicos* vão além de aspectos meramente corpóreos, pois "o hibridismo entre o homem e a máquina tende a modificar completamente a arquitetura física e mental dos indivíduos e a reajustar a consciência que cada um tem de si mesmo e do mundo." (COUTO, 2012, pág. 46). O uso de próteses também altera as condições emocionais e psicológicas de seus usuários, o que reflete diretamente na questão da sociabilidade do indivíduo, foco este que pretendemos observar em relação aos tetraplégicos.

Numa tentativa de sugerir aproximações entre ficção, política e o universo feminino, Donna Haraway apresenta em 1985 seu *Manifesto Ciborgue*. No livro, Haraway se propõe a abandonar a visão puramente imaginária e fictícia que envolvia, em grande parte, a questão e contempla o ciborgue enquanto uma possibilidade real, repleta de envolvimentos sobre as questões sociais.

> "No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material; esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica." (HARAWAY, 1994, pág. 86)

Ao debater as questões sobre a representação do feminismo junto à sociedade, o texto apresenta uma nova perspectiva de debate social, considerando a hibridização dos mais

diversos tipos de organização em sociedade, metaforizando a relação dos seres humanos com as máquinas.

Da ideia apresentada em Manifesto Ciborgue, ao pensarmos nas possibilidades de sociabilização decorrentes do uso do computador pelos tetraplégicos, depreendemos a possibilidade daquilo que podemos chamar de *ciborgue social*, uma mistura da influência de vários campos que contemplem e problematizem nossas relações sociais.

Ao acessar a internet para fins conversacionais e também de relacionamentos pessoais e sociais, o tetraplégico torna-se um *ciborgue social*, um ser dependente da máquina para usufruir melhores condições comunicativas. Para Haraway, o "mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades" e assim, a vida em sociedade segue em constante tensionamento diante dos embates, na disputa entre os interesses específicos das diferentes classes envolvidas neste processo relacional.

Quando pensamos no tetraplégico enquanto *ciborgue social* o raciocínio é pautado pelas possibilidades decorrentes do uso do computador e do acesso à internet, que permite ao indivíduo imobilizado (que até então teria de se limitar a aguardar o auxílio de terceiros para que pudesse sair de dentro de seus quartos) amplas possibilidades de interação.

Ao acessarmos o *Blog da Luciana*[7], encontramos um local onde podemos então observar uma pequena amostra da autonomia concedida a uma jovem tetraplégica por meio desses instrumentos. No blog, Luciana que se apresenta como "uma menina diferente que usa cadeira de rodas e uma prancha de comunicação para conversar", expõe relatos do seu cotidiano, apresenta suas experiências de vida como viagens e passeios e responde às perguntas dos usuários. Luciana também aproveita o espaço para apresentar ao público a maneira como utiliza o computador.

> "Quando quero contar coisas, uso a minha prancha de comunicação que vocês já conhecem, ou o meu computador com um acionador acoplado ao mouse. O acionador fica fixado na minha cabeça por uma faixa." (http://historiasdaluciana.blogspot.com.br/2011/07/como-uso-o-meu-computador_07.html, acesso em 06/06/2013)

Outro exemplo daquilo que denominamos *ciborgue social* é Paulo Machado, que vive internado há mais de 40 anos no Hospital das Clínicas em São Paulo por conta de paralisia infantil. Em abril de 2013, Paulo lançou na internet uma campanha de financiamento coletivo para produzir uma animação 3D. A campanha começou numa rede social e após ter

[7] http://historiasdaluciana.blogspot.com.br

sido veiculada como notícia no jornal Folha de São Paulo, ganhou ampla repercussão, fazendo com que Paulo não apenas atingisse, mas que ultrapassasse sua meta de arrecadação de R$ 120.000,00.

Mesmo trancado num quarto de hospital, Paulo conseguiu repercutir seu projeto, fazendo com que mais de 1890 pessoas[8] participassem do programa de financiamento para a implementação da animação. Depois da veiculação da matéria, centenas de pessoas passaram a adicioná-lo no Facebook, e nos dias atuais Paulo tem mais de 3.500 amigos nessa rede[9].

Diante de eventos de tal magnitude, fica a pergunta: será que Paulo, Lígia, Luciana e todos os outros tetraplégicos não podem mesmo se movimentar? Ou será que o computador e a internet dão a esses *ciborgues sociais* poderes de mobilidade, autonomia e inclusão até então impensados antes da sua propagação?

Em plena era da mobilidade (SANTAELLA, 2011), os limites entre realidade natural e artificial, humano e maquínico, físico e não físico ultrapassam a fronteira dos distanciamentos e passam a atuar em conjunto. A compreensão exata da capacidade de interação e sociabilidade, fruto da relação entre o corpo dos tetraplégicos e o computador, requer um acompanhamento e reflexões mais profundas. Porém, o que se pode notar ao observar previamente alguns casos específicos é que a internet causou uma revolução que ampliou a autonomia e deu novos poderes a esse grupo, que mesmo sem os movimentos, conseguiu alterar seu status, passou de tetraplégico a ciborgue.

Referências Bibliográficas

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

COUTO, E. Corpos voláteis, corpos perfeitos. **Estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano.** Salvador: EDUFBA, 2012.

DI FELICE, Massimo (Org.). **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social.** São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

FRAGOSO, S. RECUERO, R. AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

8 http://catarse.me/pt/leca
9 Consulta feita em 30/06/2013

GABRILLI, Mara (org.). **Manual de Convivência – pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.** 2ª edição. 2008.

HARAWAY, D. **Um manifesto para os ciborgues: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80.** In: HOLLANDA, H. B. Tendências e impasses. RJ: Rocco, 1994.

MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 18.ed. (tradução de Décio Pignatari). São Paulo: Cultrix, 2012.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, R. **A conversação em rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus Editora, 2011.

Sites

<http://catarse.me/pt/projects>. Acesso em 10 jun, 2013.

<http://www.novoser.org.br>. Acesso em 26 jun, 2013.

<http://www.maragabrilli.com.br>. Acesso em 25 jun, 2013.

<http://historiasdaluciana.blogspot.com.br>. Acesso em 06 jun, 2013.

<http://www.facebook.com>. Acesso em 08 jul, 2013.